

# RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA

GUIOMAR TORREZÃO

2.<sup>a</sup> SERIE

LISBOA, 24 DE SETEMBRO DE 1881

NUMERO 42

GERENTE

HENRIQUE ZEFERINO

**Summario.** — *Jayme de Seguiet*, Guiomar Torrezão — *Chronica alegre*, Guiomar Torrezão — *No Algarve*, Visconde de Benalcanfor — *O bouquet de violetas* (de Chincholle), Ezila Caodur — *Carteira de um fantasista*, Dolora, Matheus Peres; *Discrepancia*, João Silva — *Soirées em Madrid*, Maulius — *Rumores dos palcos* — *Bibliographia* — *Carteira de Prudhomme* — *Album enigmatico*, charada, André do Quental — *Um crime na charneca*, Julio Lourenço Pinto, folhetim.

## JAYME DE SEQUIER

Lembro-me perfeitamente, e Jayme de Seguiet lembrar-se-ha, talvez, de umas alegres noites do theatro francez, em que ao som da musica da *Perichole* eu lhe chamei, sorrindo, o loiro pagem da litteratura portugueza.

Imaginem que o pagem saiu-se de repente castellão!...

Não pela idade, que, felizmente para o ditoso, é ainda a diamantina idade dos cadetes e dos pagens, quando se escrevem estrophes azues em velinos cor de perola.

Jayme de Seguiet nasceu no dia 26 de março de 1860.

É este, desde já o declaro francamente, o unico traço biographico que eu logrei arrancar á sua penna esquiua.

Não de concordar que não é perfeitamente o traço indispensavel para contornear um perfil.

«Quanto a dados biographicos, — escreve-me o cruel, — o facto mais importante que me consta é ter nascido a 26 de março de 1860. Como toda a gente se gaba de feitos identicos — espero que V. ainda se arrependa, porque a publicação do meu retrato no seu jornal colloca-na obrigação de publicar os retratos de todos os que, como eu, sabem o dia do seu nascimento e que são em grande numero.»

N'estas palavras vibra a nota humoristica que constitue a feição predominante d'este bello talento juvenil, cheio de frescor e resplandecente de *verve*.

Jayme de Seguiet escreve em Lisboa, como Aurelien Scholl e Alberto Wolf escrevem em Paris.

O intenso fulgor, a poderosa vitalidade, o colorido hilariante transmittidos pela irradiação do grande foco, a França, que palpitam n'essas brilhantes chronicas parisienses, expressão concreta dos caprichosos devaneios e das phantasiosas ironias do espirito moderno, não existem em relação ao escriptor portuguez.

A vida lisboense, monotona e invariavel, recortando as suas phrases e vestindo as suas opiniões por um unico figurino, encerrando os seus horisontes *fashionables* na area comprehendida entre a Havaneza e o Gremio, e limitando as suas *parties de plaisir* a um jantar no Victor, quando as garras candentes do sol peninsular acabaram de triturar a ultima japoneira, que a primavera cobrira de camelias, á sombra balsamica das grandes arvores folhudas, affestando garridamente as avenidas silenciosas e ermas, que ninguém tem o mau gosto de ir percorrer, e a uma noute em S. Carlos, es-

ta pobre vida melancolica e absurda, como o *spleen* de um lord, está longe de fornecer combustivel para alimentar o fogo sagrado do enthusiasmo, e não dá de forma alguma o thema sobre o qual bordam as suas ridentes variações esses alegres instrumentistas, ligeiramente bohemios, que teem na sua musica nova o segredo de todas as finas sensibilidades e de todas as petulantes audacias.

A despeito, porém, da esterilidade e da deficiencia do nosso microcosmo, sob qualquer dos pontos de vista em que o encaremos, Jayme de Seguiet realisou o milagre de escrever chronicas diarias,

com um feitio profundamente parisiense, faiscantes de espirito e ao longo das quaes voam, como um enxame loiro, as finas ironias, as estridentes risadas juvenis e as entusiasticas effusões de uma fantasia de artista, amando o bello e cantando-o, ora sob o aspecto radioso de uma estrella, ora sob a forma vaga de uma nuvem, ora sob a realisação tangivel de uma formosa mulher, de uma idea que desabrocha harmoniosamente ou de uma visão que foge.

O nome de Jayme de Seguiet saiu pela primeira vez da sombra depois da publicação de um interessante conto, que fazia parte do brinde annual offerecido aos assignantes do *Diario de Noticias*.

Se não me atraíçoa a memoria, intitulava-se esse conto o *Revolver*.

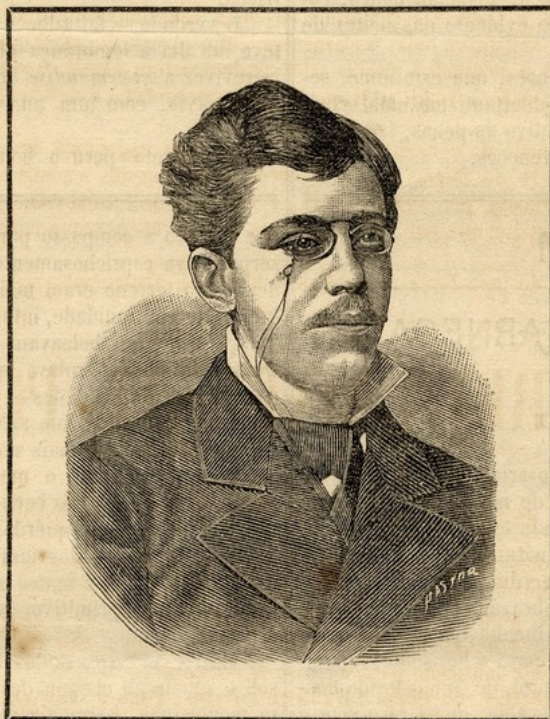
Pouco depois começaram a apparecer nos jornaes uma serie de versos, delicadamente burilados, de um *clan* moderno natural e espontaneo, aproximando-se da escola de Guerra Junqueiro, sem todavia alienarem a originalidade, accentuadamente independente, e mesclando habilmente, em trilos de uma execução nitida, os hemoes elegiacos e os sustenidos humoristicos. Firmava-os o nome de Jayme de Seguiet.

A plateia do theatro de D. Maria, fazendo-lhe mais tarde um successo ruidoso e acolhendo encantada a representação da comedia *Chez l'avocat*, primorosamente traduzida em verso pelo elegante poeta, com o titulo *O desquite*, consagrou á luz da rampa a superioridade d'esse talento vivaz, que por uma rara intuição, absolutamente excepcional, descobriu no periodo das exuberantes florescencias o segredo da sobria correção.

Apostolo convicto da idéa nova, namorado dos processos modernos, Jayme de Seguiet fez de Teixeira de Queiroz, o psychologo da *Comedia do campo*, o seu idolo litterario.

O juvenil escriptor tem collaborado em quasi todos os jornaes, destacando sempre a sua originalissima individualidade de jornalista moderno.

Jayme de Seguiet possui, como poucos, o periodo facil, arredon-



Jayme de Seguiet



dado e iriante, como uma esfera de crystal facetado. Não se preocupando absolutamente nada com o assumpto, que lhe salta á primeira voz do fundo do tinteiro, perfilando-se, como um bom soldado disciplinado e marchando ao som nitente dos clarins, n'uma alegre pompa marcial, subjogado pela voz imperiosa do commando, as suas chronicas teem principalmente o encanto da espontaneidade.

A *Folha Nova*, um scintillante jornal moderno, que marcou logo o seu posto na vanguarda da imprensa portuense, e para o qual Jayme de Seguíer remette periodicamente uma chronica, assignada com o pseudonymo *Iriel*, tem ultimamente dado uma grande voga ao nome do brilhante escriptor.

*Iriel*, um bello nome de guerra, vibra hoje em toda a linha: transcriptas pela maioria dos periodicos de Lisboa, essas correspondencias constituem n'este momento a fina flôr, o *ragótt* litterario, a leitura predilecta de todos os delicados espiritos.

E sabe Deus quantas vezes terão fluctuado atravez da phantasia da leitora, ao estremecer fascinada pela musica do estylo de *Iriel*, os cabellos loiros do glorioso adolescente!...

GUIOMAR TORREZÃO.

## CHRONICA ALEGRE

No organismo, um tanto gasto, de Lisboa, a melancholica, começa a notar-se a forte circulação, indicio evidente das noites de inverno.

S. Carlos, com a sua revoada de rouxinoes, que este anno, segundo consta, offerecerão á espectativa do dilettantismo uma sensível baixa de gorgeios e um augmento equitativo de penas, (sem dois nn) aproxima-se, impondo-se ás nossas attentões.

## FOLHETIM

### UM CRIME NA CHARNECA

#### CAPITULO I

A charneca dilatava-se em uma extensão arida, que ia fundir-se na linha profunda do horisonte: em torno de nós aspectos de uma monotonia bravia por toda a parte até onde os olhos alcançavam. Sómente á nossa esquerda, muito além, a natureza desatava-se em uma efflorescencia ridente, tufando-se em verduras; culturas enverdecidas sorriam, arvoredos frondejantes vibravam uma nota alegre em contraste com a desolação da campina inculta que nos cercava.

Nas nossas espaldas o sol inclinava-se para o horisonte: um occaso esplendido, uma iluminação sobrenatural, de um colorido deslumbrante. Mais alguns passos e o sol decahia, quasi raso com o sólo, emquanto que no alto, entre combinações caprichosas de nuvens, ateava-se um incendio, uma explosão de pó dourado que se reflectia raso com a charneca, como se aquelle brazido ingente e phantastico se communicasse ao sólo, lambendo flamante as plantas bravas — um mar em ignição.

O incendio ia desmaiando, ao passo que nas nuvens acastelladas desenhavam-se derrocadas de porticos, de columnatas, de area-rias marmoreadas de finos coloridos, e appareciam pedaços de esplendidas purpuras, franjadas de ouro, como europeis opulentos escapados ás chammas que tivessem devorado algum alcaçar monumental.

E o olhar fatigado da aspereza do matagal, que surdia hirsuto e monotono por toda a parte, alternava-se entre as scenas phantasticas do occaso e a paisagem que verdejava lá ao fundo, emquanto que a nossa carroça antediluviana nos ia arrebatando imperturbavelmente atravez da charneca alemtejana, ao trote igual e seguro de duas mulas possantes.

O caminho estreito, de quando em quando accidentado, como

Os musicos afinam os violinos, os cantores exercitam a larynge, sujeitando-a á gymnastica da vocalisação e arrancando por vezes, á *fortiori*, dós avariados.

O machinista prepara a nuvem e o maestro afaga a batuta, o seu altivo estoque de commando.

Entretanto, a feira de Belem aproveita sofreqamente os entreactos das casas de espectáculo, que por agora caminham vagarosamente, cultivando apenas a *reprise* e descrendo por emquanto da receita, e absorve ás quintas e domingos meia Lisboa.

É sensibilisadora, e até certo ponto heroica, a dedicação que essa meia Lisboa mantém inalteravel, atravez dos annos e das transformações do gosto, pela feira de Belem.

E essa constancia é tanto mais commovente, quanto é certo que a feira não pratica pela sua parte o mais leve sacrificio ou o mais ligeiro excesso para alimentar-a.

Convicta da adoração que inspira á respeitavel burguezia, certa da ternura que lhe consagram as meninas sentimentaes, que tocam piano e usam saltos de pião e franjas na testa, fiada no amor que lhe tributam os caixeiros ensopados em banha de cheiro, ella, como todos os felizes que se permitem o *chic* de serem amados e não amarem, dorme imperturbavelmente á sombra dos seus loiros, mergulhada na sua eterna semsaboria, apresentando, sem a menor variante, sem uma tentativa sequer de aformoseamento, sem um pequenino symptoma de progresso, as mesmas barracas, estupidamente alinhadas, desfraldando ao vento as suas lonas encardidas, os mesmos theatros-parodia, os mesmos phenomenos e os mesmos pe-tiscos.

É verdade, — falta-lhe uma cousa, falta-lhe a Lima, a Lima que teve um dia a lembrança absurda de morrer, exactamente quando ia reviver a *gourmandise* dos *habitués* da feira, á qual a pobre mulher servia, com um amavel sorriso desdentado, a fina flôr da Sapa.

Felizmente para o bom burguez, conservador da gemma, que

que talhado a compasso para a largura do eixo do nosso vehiculo, serpenteava caprichosamente por entre o matto. Por vezes os accidentes do terreno eram mais accentuados, e no carreiro surgiam soluções de continuidade, intercadencias de armadilhas, profundas ondulações que nos boleavam engasgados em solavancos. Mas o nosso trem estrambolico rolava sempre com uma impavidez triumphante de todas as difficuldades — uma caleça macrobia de uma experiencia perita que nutre um soberano desprezo pelos obstaculos que asoberbariam outras mais noveis.

Uma vez, porém, o meu companheiro de viagem não pode reprimir-se e bradou ao cocheiro:

— Eh! para a esquerda, aguenta as mulas. . .

Se as rodas se desviam um apice mais do trilho, a carcassa antediluviana, em que iamos arrebatados, como no bojo de algum estranho animal primitivo, resvalaria inevitavelmente para um barranco.

Mas o cocheiro, embrulhado em surrado gabão de cor barrenta, sob o seu largo chapéu desabado abria um sorriso alvar na sua cara montesinha, harmonicamente correlacionada com a natureza selvatica que nos cercava. As mulas trotavam sempre, ao som monotono dos seus guisos, e a decrepita traquitana galgava a saliencia do terreno com destresa juvenil, acompanhando a proeza acrobatica com uma mesura garbosa do seu folle, tal qual como um navio empavezado colleando-se sobre o dorso de uma onda.

— Decididamente, viajamos em um engenho maravilhoso — exclamei voltando-me para o meu companheiro. — É mais facil descarrillar um comboyo, do que fazer saltar do seu encaixe este prodigio de locomoção.

Mas o meu companheiro tinha enfiado, e mal recobrado do susto replicava ancioso:

— Pois sim, mas tomara-me fóra d'esta capocira.

E acto continuo, levantando-se a meio corpo, punha a cabeça fora da traquitana, sondando o terreno com olhar inquieto.

JULIO LOURENÇO PINTO.

(Continua).



tem pela immobilização das cousas, especialmente no que diz respeito á perpetuação archeologica de todos os velhos encantos da feira de Belem, um respeito supersticioso, resta-nos metade da Lima, uma metade descascada do viço e aroma da juventude, um espesso triste e velho, que pranteia a sua desolada viuvez entre o estalar effervescente das sodas e a deglutição gulosa das queijadas, mas em todo o caso uma metade viavel e preciosa para os frequentadores.

Para os que não se satisfazem com o prazer ameno de *flirtar* ao som de um piano rouco, á meia luz fumarenta dos candeeiros que bruxoleiam na penumbra das barracas, resta a contemplação dos prodigios, dispostos em linha recta, no coração da feira.

Ha, por exemplo, a mulher electrica, uma robusta e espadauda gallega, forte como um toiro, sustentando imperturbavel uma carga de electricidade susceptivel de abater prostrada uma duzia de porta machados, provocando-nos o desejo de lhe darmos em troca da faisca, que, segundo se vê, não tem a propriedade de purificar-a pelo fogo, um bello barril do Alviella, que a purificasse pela agua.

Ha tambem o Microcephalo, um embrião de orangotango, onde a natureza gravou, por engano, o perfil de um homem.

Na grande *rigolade* da feira, agitada pelas massas e ruidosamente vibrante das grossas gargalhadas do povo, o Microcephalo, com a sua cabecinha aguda de sagui, apertada no tecido adiposo, onde não vibra, como nos teclados partidos, uma unica nota, onde o tempo voando não deixa o mais leve vestigio, onde existe estereotypada uma palavra, instinctivamente e automaticamente repetida, que encerra, quem sabe? um doloroso passado extincto, «Hespanha» esse hediondo homemsinho suspende sobre as nossas cabeças um grande ponto de interrogação, e é então que perguntamos, como Gabriel Claudio, sentindo o *frisson* do terror correr-nos ao longo da espinha :

— Será aquelle o ideal da felicidade humana?

GUIOMAR TORREZÃO.

## NO ALGARVE

### II

Summario: — *Ainda a ponta de Sagres — Lagos — O seu commercio — A pesca — O littoral — O rio de Faro — Silves — Albufeira — O mar.*

Que de nomes, que de recordações se agrupam n'aquelles rochedos de Sagres, constellando-os de luz! Alli campeou o primeiro observatorio de Portugal, e no proprio palacio do infante D. Henrique fundou o esclarecido principe uma escola de mathematica, nautica e geographia. Alli se levantaram as cartas geographicas sob a direcção do famoso mestre Jaime, de Malhorca, que a escola de Sagres converteu mais tarde em cartas hydrographicas. N'aquella escola se instruíram e adextraram os nossos mais habéis navegadores.

Os proprios cortezãos e cavalleiros da casa do infante cursaram aquellas aulas, cuja celebridade foi immensa. Foi d'alli, d'aquelle porto modesto, que desafferrou no seculo XV o navio do commendador de Almourol fr. Goncello Velho Cabral, que descobriu a ilha de Santa Maria, cuja capitania lhe foi dada em premio do seu descobrimento. Balthasar, o gentil homem do imperador Francisco III, Cadamosto o veneziano, Jacome de Bruges, o fidalgo flamengo feito donatario da ilha Terceira, Guilherme de Wanderberg, Jorge de Ultra e varios outros concorreram a Sagres.

N'aquelles penhascos foi resolvida entre o infante e seu sobrinho el-rei D. Affonso V a conquista de Alcacer-Seguer. Que refulgente scintillação de feitos e de grandeza!

E misturados com as glorias, quantos naufragios de audazes marinheiros, quantas tragedias! Que olhos se não humedecerão de lagrimas, lendo o fim desventurado d'esse intrepido fidalgo dinamarquez Balart, que, embarcando em Sagres no navio de Fernão Affonso, em 1847, foi acabar a vida em Cabo Verde trucidado pelos negros!

Lá se erguem os lanços de muralhas de Lagos, de uma cõr ati-

jolada, deixando entrever, a espaços, o caio das casas. Em volta da cidade desatam-se as mais ferteis culturas. As vinhas enredam os sarmentos e pompeiam o verde claro das suas folhas, a par dos milheirões e dos trigos.

O verde pallido das figueiras faz resaltar os tons sanguineos das flôres abertas da amendoeira.

A' elevação da cidade de Lagos está ligada a memoria da tremenda catastrophe de Alcacer-Quivir. Foi n'aquella bahia que se juntou a armada que transportou a Africa a flôr da cavallaria e do reino. N'essas vespersas solemnes da fatalissima jornada que havia de sepultar a corôa e a nação portugueza nos areaes de Africa, D. Sebastião adereçou Lagos com as joias de cidade, imitando n'isto o luxo funebre das viuvas indostanicas que se preparavam para morrer nas chammias das fogueiras, adornadas de galas, e reluzentes de pedrarias.

Bastaria uma data—1438—para allumiarmos com um clarão inextinguivel aquella bahia. Foi d'alli que Gil Eannes, afoutando-se ao oceano n'uma fragil barca, descobriu o *Cabo de Nam*, transpondo-o. No seculo XV, o porto de Lagos attingiu a uma notavel importancia. Demandavam-n'o numerosas galés venezianas. Gil Eanes, Lançarote, Estevão Affonso e outros acrescentaram-lhe a opulencia com o trafico e descobrimentos da costa da Guiné, por cujos resgates pagavam direitos ao Estado, mediante contractos estipulados com o infante D. Henrique,

Durante um seculo foi crescendo a prosperidade de Lagos a tal ponto que em meados do seculo XVI vieram alli estabelecer-se varios nobres sicilianos, naturaes de Messins, e outros estrangeiros milanezes e genovezes. Attraidos pela animação do trafico mercantil da laboriosa cidade, tambem n'elle vieram fixar-se valencianos e catalães. Perante a crescente opulencia commercial de Lagos, attestada por numerosos navios que entravam e sahiam da bahia, inflammou-se a cubiça dos corsarios francezes que infestavam frequentemente aquellas aguas, chegando a apresar e destruir algumas caravellas mesmo dentro do porto.

Deslocou-se hoje o eixo sobre que girava a sua antiga riqueza. É ainda todavia no mar, como outr'ora, que Lagos encontra o mais poderoso estimulo da sua industria, não no trafico dos galeões, mas na pesca da sardinha. O mar apparece-nos coalhado de lanchas e de rascas, cujas velas ao longe parecem as asas de grandes passaros aquaticos. Os cahiques, de que abunda, no tempo proprio, demandam o mar de Larache; porque não nos devemos esquecer que a poucas horas de viagem do littoral algarvio correm as costas africanas.

Ao longo da terra desfilam ás vezes sem interrupção por largos tractos os arvoredos de figueiras, alfarrobeiras e amendoeiras. O apuro das culturas, allumiadas por um sol esplendido, dá ás margens e aos resalte uma amenidade excepcional. Não temos diante de nós as paisagens desoladas, friorentas, do norte á beira mar, mosqueadas de pinheirões, em que geme o vento—com as planuras arruivadas dos seus areaes nús, em que o sol accende reverberações escaudantes.

Aqui, não. Os olhos descansam nas harmonias dos tons vegetaes. Succedem-se os cambiantes, as gradações verdes do colorido. A costa affigura-se-nos um terraço ajardinado, e no segundo plano as copas das arvores nas alturas produzem a illusão de que se dilatam para as bandas interiores da terra grandes parques e tapadas de caça. Torrentes luminosas de sol entornam sobre o horizonte e a terra pós de ouro. Aspira-se um vago perfume das auras do Mediterraneo. Haure-se as lufadas tepidas, na palpitação ardente da luz que nos banha, o effluvio balsamico dos laranjaes de Sorrento que tanto nos inebriaram com o seu aroma quando aspiramos as brisas voluptuosas do golpho de Napoles.

É possivel, é muito natural, é mesmo certo (para que occultal-o?) que as latitudes do sul amollecem um pouco a energia. O ar, que n'ellas se respira, é enervante. Mas que importa isso, se a vida se expande entre jorros de luz e ondas de perfumes?

Somos chegados ao termo da nossa viagem, que acaba para nós com os encantos de um sonho de verão.

Pena é que tenhamos diante de nós duas horas de viagem forçada pelo rio que nos ha de transportar até o caes de Faro, rio tortuoso, cujas bordas sinuosas são orladas de vegetações agrestes, e com um colorido triste e monotono.



Dizemos adeus ao commandante, e nós com dois ou tres companheiros sentamo-nos á ré do escaler da alfandega, que acaba de nos ser graciosamente offerecido pelo respectivo funcionario fiscal, polido e delicado como todos os empregados aduaneiros que encontramos no Algarve.

Antes, porém, de desembarcar em Faro, reparemos o nosso involuntario esquecimento—esquecimento imperdoavel e que só a rapidez d'estas notas desculpará—consignando que Villa Nova de Portimão, situada na margem direita do rio do mesmo nome, é uma villa bonita como uma picante filha do Algarve, com as seducções da graça, ora languida, ora provocadora das mulheres do sul. O caio, de uma alvura irreprehensivel, das suas casas e edificios, assemelha-a a uma povoação andaluza da beira-mar. O porto é o melhor do Algarve. Na foz do seu rio pulsa uma forte arteria commercial. Visitam-n'o embarcações de alto bordo; e se não fossem os assoriamientos successivos, que n'um longo volver de seculos o teem obstruido, estando hoje mais pejado de arcias do que no tempo dos cruzados, que, vindos do norte em demanda da Palestina, batalharam ao lado de Sancho I, contribuindo com o seu auxilio para a expugnação e tomada de Silves, poderia admitir navios em todas as marés. Entre Portimão e varios portos de Inglaterra ha uma carreira regular de vapores que carregam fructas, generos e mineral.

A doze kilometros rio acima, na encosta de um monte, na margem esquerda da corrente fluvial, estreitando-lhe o horizonte altas serras de perfil carrancudo, que recortam com seus vertices azulados o branco luminoso do céu, jaz a abatida Silves, um grande nome do passado, a antiga e florente capital de reis mouros,

A historia pelos lanços derruidos de suas muralhas e pelos fragmentos dos seus arruinados edificios, em que respirava opulencia, diffunde uma claridade melancolica de luar. Parece que n'uma penumbra ensanguentada se vêem perpassar ainda os phantasmas dos Cruzados e dos Emires sarracenos que alli pelejaram rijas batalhas. A lenda empana de sombras tragicas o sitio fatal, onde conta que o rei Aben Afan, fugitivo diante das nossas armas victoriosas, querendo salvar a vida, a acabou no pégo em que se afogou, o qual por muito tempo conservou o seu nome. E d'este torvelino de recordações e de scenas sangrentas, destaca com a sua constancia de heroe, fundido em bronze, o vulto austero de D. Paio Peres Correia.

Outra omissão, que não deve surprehender a quem attentar nas forçadas condições de celeridade impostas a todos nós que escrevemos notas de viagem ao correr da penna, é a do ridente aspecto da villa de Albufeira com os seus declives, não de todo abruptos, mostrando-nos nas eminencias o diadema facetado dos seus bons edificios restaurados depois das grandes catastrophes que a devastaram—umas desencadeadas pela mão da natureza, como o terremoto de 1755, que a deixou inhabitavel, outras pela mão dos homens, tal foi o incendio com que os sectarios do absolutismo a abrazaram em 1833, entregando ás chammas a maior parte das casas nobres que aformoseavam as ruas e engrandeciam a povoação. Uma festa de Neros em pleno seculo dezenove, um tripudio de barbaros sequiosos de matança em terra de irmãos! Setenta e quatro pessoas de todas as idades foram ferozmente assassinadas como se se preparasse um banquete de anthropophagos, em breves horas no dia 27 de julho d'aquelle anno, uma data que nunca se poderá apagar dos modernos annaes das nossas sanguinosas luctas fraticidas.

Era em junho quando alli passámos. Como a brancura de jaspe da povoação resaltava do azul ferrete das vagas que iam mollemente, n'uma ondulação preguiçosa, morrer na praia e bater nos rochedos avermelhados que a terminam pela banda do sul! O mar tinha então a serenidade transparente de um lago sobre que vogavam, projectando-se na agua limpida os barquinhos dos pescadores. Na estação de verão os marítimos de Albufeira occupam-se nas armações do atum de Lagos ou Faro; e depois na pesca com anzol ou covãos. A um grande senhor—o duque de Coimbra—mestre da Ordem de Aviz, foi doada por alvará de 19 de fevereiro de 1505 a dizima velha dos atuns e outras pescarias que morressem nas armações do termo de Albufeira.

Esta mercê—pela qualidade da pessoa a quem é feita—está denunciando a abundancia piscosa dos mares da Albufeira e a valiosa percentagem que o duque de Coimbra havia de cobrar n'aquelle rendimento.

As mulheres — algumas de uma brancura setinosa, pelo menos

as que vieram a bordo do vapor, nas horas que aqui esteve fundeado, convenceram-nos com a sua cutis fina e branca—de um rosado pallido—que as lindas camelias humanas nem sempre florescem nas regiões nevoentas, mas que pelo contrario desabrocham frescas e humidas mesmo sob os beijos de fogo do sol meridional. Constituem alli um dos principaes labores femeninos os artefactos de palma e as obras de figo matisadas de diversas côres do mesmo figo,—productos que fizeram já as delicias gastronomicas da nossa infancia em noite de Natal, depois de os havermos devorado com olhos cubigosos nas ceiras em que se ostentam coloridos como mosaicos.

Ao longo da costa, á medida que nos adiantamos para o nascente, parece que o mar redobra de transparencia sob a grande cupula azul immaculada do céu, arfando com a serena e forte palpitação da immensidade.

VISCONDE DE BENALCANFOR.

## O BOUQUET DE VIOLETAS

(DE CHINCHOLLE)

Eram primos. Ambos jovens, impetuosos e ardentes, amando-se com o enthusiasmo louco dos primeiros amores. Elle tinha um nome perfeitamente adquado á bravura do seu genio audacioso, e se n'o permittem, á elegancia das suas maneiras e das suas *toilettes*, de um modernismo correcto, cheio de bom tom;—chamava-se Leão.

Ella possuia uma alma candida, um coração cheio de pureza o um rosto de notavel brancura. Que outro nome lhe iria melhor de que este?—Clara.

Chamava-se pois assim.

O pae fôra novo para Paris, onde fixou o seu escriptorio de tabellião, juntando uma fortuna razoavel. Entretanto, o pae de Leão ficava na provincia, recebedor de uma pequena comarca que lhe dava para viver, trez mil e seis centos francos. D'esta quantia foram economisados mil e duzentos francos, logo que se decidiu a mandar estudar em Paris o gracioso Leão.

Chegando á capital da França, o pequeno provinciano teve dois deslumbramentos:—a perspectiva arrebatadora da cidade e o rosto encantador da prima.

No meio do turbilhão ruidoso e fascinante de Paris o pobre rapaz pensou que a sua mezada lhe não chegaria se não fosse calculadamente repartida, e o que raras vezes succede, soube pôr em pratica a preciosa theoria.

Receiava da sua inexperiencia e dos desvarios da sua cabeça aturdida. Tratou pois de prevenir-se contra os desequilibrios financeiros.

No principio de cada mez, ao chegar a mezada paternal, Leão pagava immediatamente a despeza do quarto e do *restaurant*, em seguida apartava vinte francos para o seu alfaiate, depois dos doze ou quinze que lhe restavam, punha invariavelmente de lado tantas moedas de cobre quantos eram os dias do mez.

Este dinheiro era destinado á compra de *bouquets* de violetas.

Não pensem todavia que isto era um desperdicio inutil. Não se nhor. Era um meio engenhoso de que elle se servia para exprimir á formosa priminha que a amava muito.

A graciosa offrenda realisava-se quotidianamente das cinco ás seis da tarde, hora em que Leão visitava Clara.

Aquelles pequenos *bouquets* eram a unica revelação do seu affecto. O perfume e a modestia da flor traduziam perfeitamente os seus sentimentos.

Clara correspondia, mas tinha um modo particular de o fazer. Sabem como?

Era assim.

Todas as tardes em troca do *bouquet* d'esse dia, entregava-lhe o ramo da vespera. Até aqui nada ha de notavel, nada que denuncie um sentimento affectuoso. Toda a revelação está no logar de onde ella tirava o ramo.

Timidamente, com uma expressão de candura no olhar e um sorriso de ingenuidade nos labios, a innocente tirava-o do peito. Leão collocava immediata e avidamente os labios n'esta reliquia tão saturada do perfume virginal d'aquelle ente adoravel.



Durante tres mezes, as cousas correram d'este modo. A troca do *bouquet* fazia-se todas as tardes e se o ramo viçoso significava: — «Clara, amo-te muito», as flores murchas tiradas do peito, respondiam: — «Estamos resequidas pelo calor violento do seu coração.»

Isto, porém, não era bastante para Leão que nos seus delirios imperiosos e esbrazeados queria, implorava, uma outra resposta. Uma resposta que se não diz, antes se murmura ou apenas se sente; todo o seu ser aspirava pelo primeiro beijo, esse beijo escaldante e devorador; essa confusão da paixão do homem com a tímida candura da virgem; essa concessão de duas almas que se entregam; esse consorcio dulcíssimo dos labios, d'onde nascem os dois primeiros filhos do amor—o tu e o teu.

Mas a prima era caprichosa e pudica. O desejado beijo não era concedido; por isso todas as tardes, apesar da sua ventura, Leão sabia triste da casa de Clara.

Se o *bouquet*, que elle levava apertado contra os labios, lhe podesse dizer quantas vezes tinha sido respirado e beijado pela caprichosa que dava ás flores o que recusava ao amante!...

Se o pequeno ramo podesse repetir todas as doces e bonitas phrases que ella lhe dirigia! E como o perfume das tristes florinhas perturbava ás vezes aquelle cerebro irrequieto, produzindo-lhe exaltações febris e loucas! N'esses momentos a sua cabecinha devaneadora reclinava-se para traz, os seus olhos cheios de languidez erravam pelo tecto, os labios murmuravam-lhe confissões arrebatadas, em que o nome de Leão era repetido com desvario e a sua presença desejada com ansiedade.

Mas o *bouquet* ficava mudo e o pobre apaixonado, beijando-o e aspirando-o soffregamente, não sabia lêr ali os segredos hieroglyphicos do amor.

Isto durava, dissemos nós, havia-tres mezes, estavam pois no fim de março.

N'aquelle dia, Leão ao passar suavemente a manga do *frac* pelo seu chapéo alto, preparando-se para sair, não levava no bolso mais que duas pequenas moedas de cobre.

Tinha, é verdade, regulado e perfeitamente repartido a sua mezada, mas o mez estava no fim, portanto não lhe restavam mais que as duas pequenas moedas preciosamente conservadas para os *bouquets* de violetas.

Todavia a sua alma alegre, o seu coração esperançoso e repleto de ventura, não o deixaram preoccupar com as pequenas misérias financeiras. Descia a escada trauteando uma canção descuidosa e risonha, acompanhada pelo tinir compassado que lhe faziam no bolso as duas unicas moedas de cobre.

Eram cinco horas, ia portanto comprar o *bouquet* e leval-o.

Quem sabe, pensava elle, talvez hoje seja mais feliz e alcance o suspirado beijo!... Clara, na vespera, tinha sido tão adoravel! Tinha conversado uma hora com elle de mãos dadas e tão juntos, tão juntos, que se lhe não tinha tocado as faces, pelo menos havia-lhe sentido o avelludado; se os seus labios não se encontraram, elle tinha ainda assim respirado o seu halito perfumado. Era tão perto d'ali ao suspirado beijo que podia considerar aquelle incidente uma lettra aceite, com o vencimento breve.

Distraido, immerso n'estas reflexões, Leão caminhava de cabeça erguida, como um apaixonado triumphante ou perto d'isso, e passara já, sem reparar nas *bouquetières* ambulantes que n'aquelle epocha do anno percorrem as ruas de Paris com os seus carrinhos perfumados.

Tinha, porém, chegado perto da casa de Clara e era preciso gastar os ultimos cobses no invariavel *bouquet*.

La voltar para traz em procura d'alguem que lhe vendesse o mimoso brinde, quando reparou que exactamente junto á porta da priminha havia de um lado uma vendedora de flores e do outro uma pobre mulher tendo nos braços uma creança doente.

O coração bom de Leão compungiu-se ao ver que teria de deixar sem soccorro a infeliz mendiga ou de renunciar ao ramo que lhe alcançaria n'essa tarde, quem sabe? o desejado beijo. N'esta hesitação afastou-se da pobre, e encaminhando-se para a ramilheteira escolheu o *bouquet* de violetas mais aromatico, mais fresco, mais aspergido de orvalho; ao estender, porém, as duas moedas de cobre que o pagavam, a voz da mendiga implorava: — Uma esmola, meu rico senhor, uma esmola para o meu filhinho!

Leão estremeceu. Parecia-lhe um crime comprar flores quando alguem ali ao pé tinha fome...

Mas o beijo! o anhelado beijo passava-lhe na mente como as faiscações rubras de uma tentação irresistivel. Que fazer?

N'aquelle momento a mão da pobre tocou-lhe o braço, Leão olhou-a e viu-a, magra, pallida com o seu filhinho mais magro e mais pallido ainda. Não hesitou, deixou cair o ramo no cesto e deu o dinheiro á mendiga.

Nada de *bouquet*, por conseguinte, nada de esperança, nada de beijo, pensava elle consigo, cheio de um grande pesar, e subindo a escada de Clara tocou a campainha.

Foi ella mesmo quem veio abrir, toda alegre, aos saltinhos, com uma pressa desusada, e sem mais preambulos, sem mais receios tímidos, abraçou-lhe o pescoço e beijou-o.

Attonito, commovido, o triumphador perguntava a causa da sua ventura que era tão grande como inesperada. E ella tapando-lhe a bocca com um movimento gracioso da sua mãosinha breve, murmurava:

— Cala-te, cala-te! Não queiras negar, vi tudo. Uma boa acção vale bem mais que um *bouquet* de violetas; toma; e deu-lhe outro beijo.

Leão radiante, transportado, louco, prometeu para solemnizar aquella ventura dar aos pobres, de então em diante, o que até ali gastava em flores.

EZILA CAODUR.

## CARTEIRA DE UM FANTASISTA

### DOLORA

#### I

Á sombra d'um rosal, estava descançando,  
E tu, meu doce amor,  
Passaste por ali, immersa em dôr, chorando...  
Sorriu-te meiga flor!

#### II

Estava, annos depois, no mesmo sitio ouvindo  
Um côro angelical!  
Passou o teu esquite e tu ias sorrindo...  
Chorava-te o rosal!!

Lisboa, 18 — 9 — 81.

MATHEUS PERES

### DISCREPANCIA

Tantalo foi um homem, que sentia  
desejo insaciavel, noite e dia,  
brotar no peito seu.  
Riquezas infinitas cubicava;  
mas a fortuna, da inconstancia escrava,  
paupérismo o volveu!

Da sua mente o pensamento vasto,  
seguio ousado o luminoso rasto  
do altivo Prometheu;  
e, com arrojo immenso o espaço infindo  
da região eterna discernindo,  
do Altissimo descreu!

Alma prodigio, coração poeta,  
buscou subir, ultrapassando a meta,  
da gloria ao apogeu:  
e da mulher aos pés curvando a fronte,  
achou em vez de amparo, abysmo insonte  
aonde se perdeu!



Em torno a si, do globo sobre a face,  
das nobres intenções no desenlace,  
vingança, apenas, leu;  
e viu os corações de lodo ou pedra,  
onde a virtude langue e o vicio medra  
nas azas de Pompeu!

Reduz-se a nada o miseravel homem,  
mas ficam os vaivens, e mais consomem  
o crédulo e o atheu!...

No que sente do mundo a turbulencia,  
e no que soffre das paixões a ardencia,  
um Tantalo nasceu!

*Querer sem alcançar*, eis nossa lida:  
tem rapido limite a humana vida,  
e, quem jogou, perdeu...  
Se alheios sois de Tantalo ao supplicio,  
tivesteis da excepção o beneficio;  
ou... Tantalo sou eu!

1881.

João SILVA.

## SOIRÉES EM MADRID

Entretanto vão as *señoritas* dando á lingua comprida tambem, e os seus expressivos olhos negros reluzem como tições, á luz do gaz; olhos curiosos e muitas vezes indiscretos!

Andam aos bandos ruidosos, como os passaros quando se recolhem á hora do crepusculo. Passeiam sem rumo certo, como as borboletas n'um aromatico jardim, repousando aqui e acolá, sempre vivas, alegres e quando lançam uma olhadela fugitiva é sempre acompanhada de um movimento rapido de leque, que nos parece as azas do lindo insecto, quando as abre ao mudar de flôr.

Infeliz d'aquelle que tiver a milagrosa felicidade de attrair-lhes uma *mirada* momentanea! Perde o somno, ou dorme enganado pelas mentirosas visões que em sonhos, povoados de *houris*, lhe atravessam o espirito.

A phenomental atracção das *miradas* e mais encantos da mulher hespanhola, faz-nos lembrar um romantico episodio da vida de Gottschalk, passada durante a sua marcha triumphal na patria do Cid.

Foi um idyllio começado nos arrabaldes de Sevilha, dentro das imponentes ruinas da Italica, por aquellos campos semeados de preciosos mozaicos e enormes massas de arcos e columnas, mutilado circo minado de sombrias e labyrinticas gallerias.

O originalissimo *virtuose* acompanhava uma jovem sevilhana de quem estava perdidamente enamorado, e aproveitando a austera solidão do logar, rogou-lhe com todas as forças da sua alma que aceitasse o seu amor.

A bella sorriu-se melancolicamente e lançou-lhe uma penetrante *mirada* para infundir-lhe confiança no futuro e vocalmente, em resposta do que o artista lhe pedia, entoou com voz vibrante esta cantiga:

Corazon que sufre y calla  
no se encuentra donde quiera;  
no hay corazon como el mio,  
que sufra y calle las penas.

Apenas acabada a copla, levantou-se com rapidez e desapareceu, deixando o Byron do piano entregue a grandes meditações.

Ficou-se este pensativo, tractando de procurar nas palavras da cantiga alguma phrase de esperanza, ou que lhe explicasse a conducta incomprehensivel da mysteriosa sevilhana. Perdido em conjecturas, voltou a Sevilha, sem que nos dias seguintes pudesse avançar um passo mais nas suas pretensões amorosas.

Pouco tempo depois, voltou a Madrid e durante a sua permanen-

cia na côrte, não deixava de vez em quando de intristecer-se, lembrando-se da sua caprichosa andaluza.

Chegou a noite de 16 de dezembro de 1851, em que Gottschalk deu um dos seus famosos concertos no Theatro Real. O artista executava as composições do programma, quando de repente viu apparecer em um camarote visinho da scena a formosa andaluza, que sobre as ruinas da patria de Trajano, lhe tinha cantado, que no *habia corazon como el suyo*.

Gottschalk foi n'aquelle momento victima de uma das mais fortes emoções da sua vida. Todo o seu ser parecia commover-se e vacilar: os seus dedos de aço paralyzaram-se um instante sobre e teclado, balbuciam como perdidos alguns acordes e de repente, rompendo o rythmo da peça que escutava, principiou um brilhante thema em que dominava entre arabescos aquella cantiga que o havia desesperado tantas vezes em Sevilha, sahida dos rosados labios da sua querida mysteriosa.

A sentida composição foi direita á alma d'aquelle, que a recebeu sorrindo-se, e expressando com *miradas* o quanto agradecia a Gottschalk a lembrança do dia em que estiveram juntos nas margens do Guadalquivir.

Aquella composição improvisada foi mais tarde objecto de uma fórma mais completa e severa, recebendo do grande artista americano o titulo de *Souvenirs d'Andaluzie*.

Eis aqui a historia de um inspirado trecho de musica, idyllio que teve um epilogo verdadeiramente artistico.

Agora, caro leitor, noite feliz e digamos com D. Narciso Serra, o poeta paralytico:

No quieras, Virgen mia, que yo sea  
Tantalo nuevo en cuya pena ignota  
el agua fresca e cristalina vea  
y no pueda beber sólo una gota,  
y emprende un dia y otro su tarea  
viendo por siempre su esperanza rota...

MANLIUS.

(Segue)

## RUMORES DOS PALCOS

O maestro Orsini compoz uma nova opera intitulada *Burgravi*, a qual deverá ser cantada pela primeira vez em Roma.

\*

Está completamente restabelecido o célebre abbade compositor Liszt, que déra ultimamente uma grande queda.

\*

No theatro de Pest fazem-se grandes preparativos para a *mise-en-scène* da *Nerone* de Rubinstein. O maestro assistirá á primeira representação.

\*

Vai ser cantada na opera de Paris a *Francesca da Rimini* de Ambroise Thomaz.

A parte de Francesca será creada pela Salla, cujo verdadeiro nome é Carolina de Septavaux. A grande cantora é filha do secretario de Guizot, no reinado de Luiz Philippe e prima de Alfredo de Musset. Os restantes interpretes são o barytono Lassalle, que fará o Lanciollo, o baixo Gailhard e a contralto Richard. Faltam distribuidas as partes de Dante e Virgilio, visto que Barbier concebeu o plano extravagante de fazer do Dante um personagem de libretto.

\*

Diz o *Gaulois* que Alexandre Dumas resolveu não tornar a escrever para o theatro, transmittindo as ideas que tem enthesourado, e que tencionava dramatisar, em opusculos. Os amigos de Dumas diligenciam dissuadi-lo de semelhante proposito; mas é provavel que a *Princesa Bagdad* seja a ultima producção do eximio escriptor.



\*  
No theatro Real de Madrid sobe á scena este inverno o *Amleto* de Ambroise Thomaz, sendo interpretes a Vitali e Pandolfini.

\*  
Abriu o theatro de D. Maria com a *reprise* do magnifico drama de Augier, *Os Fourchambault*, sendo os distinctos artistas, interpretes do drama, largamente victoriados.

\*  
A *Mascotte*, que foi um dos mais ruidosos successos parisienses do inverno passado, e que está tendo entre nós um successo de expectativa, sobe á scena no theatro da Trindade em aoute de 28 do corrente.

Desempenham os principaes papeis as actrises Florinda, Anna Pereira e Esther e os actores Leoni, Portugal e Ribeiro.

\*  
Vai subir á scena na Opera comica de Paris uma opereta nova de Ereckmann-Chatrian e Julio Barbier, musica de Marechal. Intitula-se *Taverne de Travans*.

\*  
A *reprise* da *Niniche* obteve um grande exito nas *Variedades* de Paris. Desempenhou o principal papel a Judic, que apresentou tres *toilettes* esplendidas.

\*  
O theatro portuguez está de luto.  
Morreu a grande actriz Delfina, a primeira artista caracteristica dos nossos palcos.

Succumbiu a uma lesão, aggravada pelos diabetes, que ha longos mezes lhe minava a existencia. Não ha muito que esta folha prestou na sua secção, *Escorços dramaticos*, o tributo devido a esse bello talento e a esse coração de oiro, que acabam de desaparecer da terra.

Paz á sua alma!

## BIBLIOGRAPHIA

Os dois elegantes artigos, assignados *Til*, que temos publicado na nossa folha, são transcriptos do nosso apreciavel collega *Folha Nova*.

\*  
Avisamos os nossos collegas *Jornal do Domingo* e *Mandarin* que não temos recebido os ultimos numeros publicados, continuando a ser-lhes expedidos regularmente todos os fasciculos das *Ribaltas*.

\*  
Vai sair brevemente o *Almanach das Senhoras* para 1882, illustrado com o retrato da grande jornalista republicana, madame Edmon Adam.

O novo almanach apresenta um sem numero de melhoramentos, taes como gravuras, enygmas pittorescos, desenvolvida serie de problemas premiados, annuncios intercalados no texto, etc., etc. Recembem-se annuncios para o *Almanach das Senhoras* na livraria Zeferrino, 87, rua dos Fanqueiros.

## CARTEIRA DE PRUDHOMME

Dialogo entre dois litteratos.

—Acredita, meu caro, eu tenho um amigo de estatura tão elevada que accende o charuto nos candieiros da illuminação publica.

E o que me dizes ao R., não conheces o R.? É tão alto, tão alto, que as andorinhas armam os ninhos debaixo das abas do chapéu d'elle.

Cumulo de predilecção pela agua:

«Não fazer senão negocios liquidos.»

Prudhomme pranteia a esposa que acabam de arrancar-lhe dos braços, para conduzil-a ao cemiterio.

Entra um amigo.

— Adoravas tua mulher, não é verdade?

— Ah! meu amigo, nunca me consolarei!... Imagina tu que ella sabia preparar *omelette* á franceza, e que morreu sem me deixar a receita!...

Cumulo da therapeutica.

«Pensar o que se diz.»

## ALBUM ENYGMATICO

### CHARADA

#### PREMIO

OFFERECIDO AO PRIMEIRO DECIFRADOR

O DRAMA DE ECHEGARAY «EN EL SENO DE LA MUERTE»

Uma mãe tinha uma filha tão formosa,  
Que da rosa tu disseras ter nascido;  
Bem contente a mãe vivia, e carinhosa,  
N'essa rosa concentrava seu sentido.  
E d'esse anjo idolatrado,  
Era o nome assim formado.— 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup>

Lá do anno n'essa quadra assás calmosa,  
Mas viçosa, mas alegre e prazenteira;  
N'esse tempo, quando o sol crestava a rosa,  
Que mimosa, desbotava na roseira:  
Esta a mãe lhe preparava,  
E a donzella aqui entrava.— 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>

Veio um dia, triste dia! em que a formosa,  
Descuidosa repousava docemente;  
Fresca e bella junto a si tinha uma rosa,  
Que, olorosa, perfumava o ambiente.  
Ai! pobre! que mal sabia,  
Que esta em breve perderia! — 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup>

Longo tempo estive enferma a desditosa...  
E chorava sempre a mãe ao pé da filha...  
Té que enfim alguém logrou, sorte ditosa!  
Dar á rosa antigo aroma: oh! maravilha!  
Mas maior fôra a ventura,  
Se mais prompta fosse a cura.

Lisboa, 1881.

ANDRÉ DO QUENTAL.

Explicação da charada publicada no numero anterior:—SO-NORA.

Recebemos um sem numero de cartas contendo a decifração da charada posta a premio, sendo este entregue ao ex.<sup>mo</sup> sr. André do Quental, primeiro cavalheiro que nos enviou a chave da composição alludida.

Ao eminente charadista o sr. André do Quental agradecemos immenso a honra que nos concedeu, enviando para esta secção as suas mimosas producções, que, com o maior prazer, apresentamos n'este numero.

Publicar-se-hão as charadas que forem enviadas ao director do ALBUM ENYGMATICO, o sr. Matheus Peres.

ADVERTENCIA:—O premio será entregue na redacção, rua dos Fanqueiros, 87.

Typ. de Christovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 104, 2.<sup>o</sup>



# DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

Illustrado com os retratos dos principaes homens de Portugal e Brazil  
e de grande numero de notabilidades europeas

Gravuras de monumentos, obras de arte nacionaes  
e todas as illustrações indispensaveis para esclarecimento do texto

Desenhos e gravuras dos melhores artistas

Um dictionario encyclopedico, destinado a satisfazer todas as inexgotaveis exigencias de um povo que pretende instruir-se, deli-  
neado por um vasto plano colossal e tendo de occupar-se na sua larga esphera elucidativa de todos os complexos ramos do saber hu-  
mano, nas sciencias, nas letras, nas artes, tomando por ponto de partida as origens ethnicas, e acompanhando-os na sua evoluçao bio-  
logica até ao mais adiantado marco da historia, desde os mais arduos até aos mais simples problemas scientificos, um dictionario d'esta  
ordem tem sido a maxima preocupação de todas as nações cultas.

A França, a Inglaterra, a Alemanha, a Italia e a Hespanha, teem os seus importantes Dictionarios-encyclopedicos; faltava, porém,  
a Portugal um dictionario, susceptível de satisfazer todas as ardentes curiosidades de saber que cada vez mais se accentuam em nossos  
dias, e que illuminasse ao mesmo tempo a penumbra prehistorica onde existem amalgamados os fosseis dos dialectos e das raças ex-  
tinctas, que o estudioso debalde procura tantas vezes, e cuja incerta procedencia e deficiente investigação constituem o desespero do  
erudito.

Esta lacuna insubstituivel, a necessidade de consultar um Dictionario para cada uma das especialidades technicas que o leitor dese-  
jasse tirar a limpo, obrigando-o a munir-se de duzias de Dictionarios, suggeriu-nos o plano colossal de dotarmos o nosso paiz de uma  
obra construida sobre bases solidas, destinada, por sua natureza, a subsistir de futuro como um monumento da lingua de Luiz de Ca-  
mões. Similhante tentativa, porém, especialmente em relação a uma população pouco numerosa e relativamente atrasada, demandava  
grandes sacrificios pecuniarios.

Nem por isso desistimos. Animados de uma força de vontade inabalavel, abalançamo-nos a dar a publico o

## DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

tendo a consciencia que elle ha de ser o mais completo, o mais variado e o mais encyclopedico de todos os dictionarios que existem em  
Portugal.

Todas as litteraturas e todos os idiomas, incluindo o indiano, hebraico, latino, grego e o tupy, guarany, concani, angolense, etc.,  
serão n'este dictionario devidamente explanados, correspondendo elle assim á sua elevada missão concreta e expositiva.

O *Diccionario Universal Portuguez*, propriedade da antiga Livraria Zeferino, de Lisboa, e por ella editado, sabe quinzenalmente  
em fasciculos de 48 paginas de texto, ou 3 folhas de 16 paginas, em 4.º maximo, com 144 columnas de excellente typo, nitidamente  
impresso em magnifico papel, expressamente fabricado para o nosso Dictionario.

Cada fasciculo custa em Portugal 400 réis, no Brasil 1\$200 réis fracos. Paga á ent.ega.

Assigna-se para o *Diccionario Universal* nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra. Toda a correspondencia deve ser di-  
rigida ao proprietario-editor, Henrique Zeferino, antiga Livraria Zeferino, 87, rua dos Fanqueiros, Lisboa, onde se aceitam quaesquer  
reclamações e se distribuem prospectos da obra.

São correspondentes da Empreza no Rio de Janeiro os srs Sousa Teixeira e Moraes Calabre, rua dos Ourives, 95.

Ao presente estão publicados 25 fasciculos ou cerca de 1200 paginas, ficando muito breve concluido o 1.º volume, que compre-  
hende toda a letra A.

Ricos e valiosos artigos para  
presentes, tudo que apparece em bom,  
proprio para offerecer á mais aristo-  
cratica dama ou ao mais distincto ca-  
valheiro. De Paris, Russia e Philadel-  
phia recebem-se os primeiros modelos.

O Centro aceita objectos bons  
para expôr á venda; a casa é a mais  
concorrida da capital, por isso tudo  
encontra collocação por soffríveis pre-  
ços.

CENTRO COMMERCIAL

### LUVA AROMATISADA

Da secção de luvaria do Centro  
enviam para qualquer destino, a troco  
de estampilhas, a luva da moda.

Prego: tendo quatro botões as para  
senhoras e dois as para cavalheiros,  
são 500 réis!!!

Sendo maior quantidade teem aba-  
timento os pregos da bella luva aro-  
matisada, assim como as de fino Suede  
e Escossia, praias e campo.

P. J. A. CAMBOURNAC

OFFICINA DE TINTURARIA A VAPOR

14, LARGO DA ANNUCIADA, 16

420, Rua de S. Bento, 420

LISBOA

120—RUA AUREA—122